

Auc

# CORREIO BRAZILIENSE

Na quarta parte nova os campos ara.  
E se mais mundo houvera, lá chegara.  
CAMÕES, e, VII e 14.

**Diretor-Geral**  
Paulo Cabral de Araújo

**Diretor-Superintendente**  
Edilson Cid Varela

**Diretor-Responsável**  
Ari Cunha

**Editor-Geral**  
Ronaldo Martins Junqueira

**Gerente-Geral**  
Alberto de Sá Filho

**Gerente Financeiro**  
Evaristo de Oliveira

**Gerente Técnico**  
Ari Lopes Cunha

**Gerente Comercial**  
Maurício Dinepi

## Negociar é preciso

A próxima semana promete ser crucial para a Assembléia Constituinte na tarefa de elaborar uma Carta duradoura e em condições de atender às exigências dos mais expressivos segmentos do espectro político brasileiro e, portanto, da sociedade como um todo. Sérias responsabilidades pesam sobre os ombros de deputados e senadores, especialmente dos integrantes do "Centrão".

Esse grupo já deu prova de que, unidos os seus membros, pode orquestrar o tom da nova Constituição. Mas o povo, depois de um longo período de arbítrio, estaria à espera de um documento constitucional formulado em suas bases por uma única facção política?

O "Centrão", um conjunto de parlamentares de formação moderada ou de inclinações de direita, não há de representar o pensamento de 140 milhões de brasileiros. Estes, em sua maioria, reclamam uma Constituição cujas linhas principais respeitem a tradição nacional em sua clara opção pela economia de mercado, livre porém, daquilo que se convencionou chamar de capitalismo selvagem. Por isso, seus principais capítulos devem contemplar conquistas sólidas nas áreas econômica e social. As relações de trabalho precisam encontrar caminhos de mais avanços, sem, contudo, descambar para as utopias que podem redundar na inviabilização do País. O capital estrangeiro terá de ser objeto de severa disciplina, mas sua presença, como é nevrálgica para o desenvolvimento nacio-

nal, jamais poderá ser impedida.

Para encontrar um denominador que satisfaça às diversas correntes políticas e de opinião, o meio ideal ainda é a negociação. E até terça-feira a sempre enaltecida habilidade dos homens públicos deste País, notadamente dos que contam longa vivência no Congresso Nacional, dispõe de tempo para discutir os pontos polêmicos do projeto constitucional e negociar solução em favor do Brasil de hoje e também do futuro. Tanto o "Centrão" como os demais grupos alojados nos diversos partidos, se norteados pelo senso comum e o interesse do País e de seu povo, têm tudo para aparar arestas e contornar o radicalismo. Pois, em caso contrário, será pior para todos e os prejuízos se tornarão visíveis em curto prazo.

E esta é a oportunidade para o Brasil promover um encontro geral através da harmonização de pontos de vista em choque. Não adianta, frise-se bem, promulgar uma Constituição sem o mais sólido equilíbrio. Questões como a forma de governo, tamanho do mandato presidencial e de outras autoridades só podem espelhar os anseios de toda a Nação. Se os constituintes não se mostrarem afinados com o povo, a vida do documento básico do País ora em elaboração será muito curta. Sua efemeridade pode abrir caminho para opções que não interessam à maioria dos brasileiros. Evitar extremismos contrários à índole deste povo é a tarefa maior da Assembléia Nacional Constituinte. E mediante a negociação tudo será possível.